

Tragédia da hemodiálise faz mais uma vítima em Recife

Especialistas investigam, mas ainda não sabem os efeitos que a toxina causadora das mortes podem ter no organismo humano

Luciene de Assis
Da equipe do Correio

Mais de quatro meses se passaram desde o início da tragédia que se abateu sobre os doentes renais de Caruaru, e as mortes continuam. Morreu na segunda-feira João Hinô da Silva, 58 anos, internado no Hospital Barão de Lucena, em Recife, Pernambuco. Setenta e sete dos 126 doentes renais de Caruaru ainda resistem. Essa tragédia, inédita no mundo, levou à capital pernambucana os maiores especialistas brasileiros e americanos em hemodiálise para investigar as raízes da tragédia.

A ré da história é a toxina Microcistina LR, liberada pela alga azul. Ela continua sendo estudada por técnicos da Fundação Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro; Instituto Evandro Chagas, de Belém do Pará; Centro de Controle de Doenças (CDC), de Atlanta, Estados Unidos; Instituto Adolpho Lutz, de São Paulo; e Instituto de Pesquisa Tecnológica de Pernambuco. De acordo com a Assessoria de Imprensa do Ministério da Saúde, "ninguém conhece ainda os efeitos dessa toxina no organismo e se há probabilidade de cura".

Todas as vítimas foram contaminadas no Instituto de Doenças Renais (IDR) e no Instituto de Nefrolo-

gia e Urologia de Caruaru (Inuc) durante as sessões de hemodiálise. Dos 126 doentes que freqüentavam os dois institutos de Caruaru, 42 tiveram alta, 35 continuam internados e 49 morreram (42 deles por hepatite tóxica).

HIPERTENSÃO

João Hinô estava internado no Barão de Lucena desde 18 de abril, vindo de Caruaru. Ele era hipertenso, tinha problemas cardiovasculares, complicações neurológicas graves e passou por uma cirurgia delicada na cabeça, assim que foi internado em Recife.

A expectativa de Jairo Barbosa, diretor do Hospital Barão de Lucena, é de que não haja mais nenhuma morte. O hepatologista Vitorino Spinelli garante que os outros pacientes estão se recuperando dos efeitos da toxina da alga azul.

A hepatite tóxica lesiona o fígado, provoca convulsões, cegueira tem-

porária e hemorragias internas. Essa toxina foi passada aos doentes renais pela água fornecida pela Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa). De acordo com o Ministério da Saúde, a alga azul existe em quase todos os mananciais de água, mas, em Caruaru, provavelmente em função de um desequilíbrio ecológico, houve um aumento exagerado da quantidade delas, contaminando com a toxina a água usada para filtrar o sangue dos doentes renais.

Mas o problema não se resume à hepatite tóxica. De acordo com a Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN), 80% das máquinas usada na hemodiálise no país estão sucateadas e já causaram várias mortes. Existem hoje, no Brasil, 60 mil pessoas precisando desse atendimento, mas apenas 25% têm acesso a ele. Segundo a SBN, morrem diariamente 17 doentes renais no país.